

THE BEAUTY

#cm
2
TERÇA-FEIRA

ONE
SHOT
MAKES
YOU HOT



Lindos de morrer

PEDRO SOBREIRO
O que você faria se uma empresa suspeita te oferecesse um produto que faz perder peso, rugas e te faz voltar à juventude com apenas uma aplicação? Dentre os efeitos colaterais, estão náuseas, a possibilidade de desenvolver dependência e até mesmo a morte súbita. Com base nessa premissa, ‘The Beauty - Lindos de Morrer’ chega ao Disney+ para brincar com o atual cenário da indústria da estética no mundo. Sob o olhar dinâmico de Ryan Murphy, a produção conta com um elenco estelar que mistura astros consagrados com nomes que estão em crescimento em Hollywood. Continua nas páginas 2 e 3



Divulgação/FX

Até onde você iria para poder viver sua “melhor versão”?

PEDRO SOBREIRO

Estreia nesta quarta-feira (21), no Disney+, a nova série intrigante de Ryan Murphy. Em “The Beauty - Lindos de Morrer”, o mundo da moda se vê diante de um problema sem precedentes: uma epidemia de mortes repentinas das principais supermodelos do planeta. Diante dessa situação, os agentes do FBI Cooper Madsen (Evan Peters) e Jordan Bennett (Rebecca Hall) começam a investigar o caso.

A situação fica cada vez mais bizarra conforme eles descobrem que a provável causa dessas mortes horríveis é um vírus sexualmente transmissível que está sendo comercializado porque transforma pessoas em suas “melhores versões”, recuperando os dias de glória com perfeição física e estética, mas trazendo consequências terríveis.

Neste cenário, os agentes viram os principais alvos de um assassino

Elenco de ‘The Beauty’ comentou sobre a inspiração da nova série na indústria estética mundial

(Anthony Ramos) que foi contratado pelo multimilionário da tecnologia (Ashton Kutcher) que criou “The Beauty”, essa droga/IST, que está disposto a qualquer coisa para proteger seu império trilionário da estética.

Nas redes sociais, a série vem sendo comparada ao filme “A Substância”, terror que brilhou na última temporada de premiações. No entanto, o grande diferencial de “The

Beauty” é que a droga da vez está sendo usada em escala global. A produção mostra uma corrida contra o tempo para tentar lidar com essa pandemia estética mortal.

Na última semana, a convite da Disney, o Correio da Manhã participou da coletiva de lançamento da série, que contou com a presença dos atores Evan Peters, Anthony Ramos, Jeremy Pope, Ashton Kutcher e Rebecca Hall.

Para Ashton Kutcher, o grande vilão da série, a produção é apenas um reflexo do momento complicado que o mundo vive, em que drogas de emagrecimento estão sendo vendidas sem controle.

“Nós estamos vivendo em um mundo em que o hormônio GLP-1 estão em todo lugar. Parece ser impossível escapar dessa demanda descontrolada por Ozempic, Wegovy, Mounjaro e todas essas drogas, que foram pensadas para tratar condições de saúde, mas que agora estão sendo usadas praticamente para fins estéticos. Nesse meio, ainda começou essa demanda crescente por cirurgias cosméticas, incluindo

Ashton Kutcher dá vida a um multimilionário que desenvolve uma droga capaz de recuperar a juventude, mas trazendo efeitos colaterais mortais



Divulgação/FX

Série tem início quando supermodelos começam a morrer de formas trágicas, após usarem a droga

o tal do turismo por cirurgias plásticas, que as pessoas fazem para mudarem suas aparências, acreditando que isso trará uma sensação boa ou que dará alguma vantagem para elas na sociedade. Nesse cenário de tanta adesão popular, você começa a se perguntar: ‘Será que isso é tão errado assim?’. Porque estão mexendo com engenharia genética atualmente, buscando deixar as pessoas mais saudáveis, procurando resolver problemas como anemia falciforme ou outros problemas genéticos. Partindo dessa premissa, temos ‘The Beauty’. E se nós juntássemos saúde com estética e um medicamento de dose única? A grande questão da série é provocar o público a refletir sobre o que ele estaria disposto a sa-

crificar para ter acesso a isso. Quais riscos são aceitáveis de correr para chegar a essa ‘perfeição física’? Acho que esse o grande ponto da série. E o Ryan [Murphy] está sempre pronto para ‘colocar o dedo na ferida’ com base no que ele observa no dia a dia. Que cremes você usa? Quais os efeitos desse shampoo? Essas decisões diárias estão sendo exploradas no show e vão fazer o público questionar sua própria visão de mundo”, comentou o ator.

Anthony Ramos, que dá vida ao assassino de aluguel da série, concorda e acredita existir uma pressão social pela estética que está descontrolada.

“Sabe, eu acho que vivemos em um mundo em que as pessoas estão usando aparelhos ortodônticos sem precisar, e ninguém se importa com isso. Agora existe o Botox, a abdominoplastia e o Ozempic. Além de tantas coisas disponíveis que podem realçar nossa beleza ou que podemos usar para nos tornarmos a pessoa que gostaríamos de ser por fora. Só que eu acho que a sociedade, muitas vezes, nos diz como provavelmente deveríamos ser por fora. Por isso que nós nos pressionamos a ser o que não somos, quase como um instinto. Tipo, ‘talvez eu não seja magro o suficiente, ou talvez meu rosto não seja fino o suficiente. Talvez, se eu fizer esse tratamento facial para clarear meu rosto’, sabe? E assim por diante. Então, tudo isso está presente com muita força na cultura atual. E acho que essa série aborda isso em um nível bem profundo”, explicou Anthony Ramos.

Vilão ou anti-herói?

Grande antagonista da série, Ashton Kutcher comentou sobre o processo de interpretar esse personagem. Para ele, o grande barato dessa experiência foi poder entrar na mente de um homem que é responsável por várias mortes horríveis, mas que ainda assim acredita estar fazendo a coisa certa.

“Sabe, quando você interpreta personagens complexos assim, não é seu trabalho, enquanto ator, julgá-lo. Então, sim, você pode adotar uma perspectiva mais ampla e ver que ele está fazendo coisas abomináveis, mas meu trabalho foi entrar na mente desse cara, que acredita estar fazendo uma coisa boa pelo mundo. Eu entrei nesse papel como um homem que acredita que a droga desenvolvida por ele vai ajudar as pessoas a viverem melhor. E existe esse embate na série entre ‘ajudar as pessoas’ e ‘espera aí, cara! Matar é errado!’. E o mais impressionante é que existem pessoas da vida real que tomam decisões assim no governo todos os dias. E de alguma forma eles adotam essa visão mais benevolente para justificarem suas escolhas, como se as mortes de ações fossem apenas efeitos colaterais para algo bom. Como tudo no mundo, sempre haverá alguém que terá uma perspectiva positiva sobre coisas abomináveis”, refletiu Ashton Kutcher.

Após anos de parceria,

Evan Peters interpreta um herói na série de Ryan Murphy

Peters se notabilizou por interpretar vilões icônicos nas séries do amigo produtor

Parceiro de longa data de Ryan Murphy, o ator Evan Peters costuma interpretar os vilões das produções do amigo. Porém, desta vez, ele está do lado dos mocinhos. Para Evan, a “experiência nova” foi emocionante.

“[Dar vida ao herói] foi um alívio [risos]. Foi divertido. Foi emocionante. Quer dizer, quando ele me apresentou o projeto, ele disse que haveria ótimas sequências de ação e um romance complicado com a Jordan [Rebecca Hall], o que foi muito interessante de interpretar. E ele disse que só queria que eu fosse normal. Que eu tentasse ser eu mesmo. O que foi difícil”, brincou.

“O objetivo do meu personagem é descobrir o motivo das pessoas estarem explodindo, o que é estranho. Então, ao descobrir o motivo, a coisa fica pessoal. A situação fica mais tensa e ele tem que descobrir como resolver esse caso agindo por conta própria, porque acaba mexendo com agências poderosas. Então, sim, fica cada vez mais tenso e complicado”, completou.

Do outro lado da dupla do FBI, Rebecca Hall definiu a relação entre Jordan e Cooper como uma amizade “com benefícios”.

“Bem, a dinâmica deles é a seguinte: eles trabalham juntos e são melhores amigos com ‘benefícios’. Eles acham que não há nada além disso, embora todos saibam que é uma completa mentira. Eles se pegam, mas simplesmente se recusam a mostrar sua vulnerabilidade um com o outro. Então, há muita bobagem não dita entre eles”, disse Rebecca.

“Você acaba torcendo para que um deles se manifeste e diga: ‘Espera aí, eu não quero que você veja outras pessoas, eu só quero ver você, sabe? Eu... eu te amo’”, continuou Evan Peters.

“Os dois são muito orgulhosos, sabe? Daquele tipo que tem medo de intimidade emocional, eu acho”, concluiu Rebecca Hall.

Assassino de estimação

Uma relação muito curiosa que acontece no filme é entre o assassino (Ramos) e Jeremy (Jeremy



Evan Peters e Rebecca Hall interpretam Cooper e Jordan, dois agentes do FBI que desenvolvem um caso de amor não assumido



Jeremy Pope e Anthony Ramos vivem antagonistas excêntricos que ostentam uma relação diferente entre eles



Série foi gravada em locações icônicas da Itália

Pope), que passa a ser protegido pelo matador.

“O Assassino passou mui-

to tempo sozinho, e acho que o mesmo vale para o Jeremy, que é descrito como um ‘incel’ em bus-

ca conexão e afeto. Então, acho que encontra no assassino alguém que o vê e aprecia a estranheza que

ele carrega consigo, sabe? Então, eles trabalham como uma dupla e começam a encontrar novas experiências na vida. E eu conheço o Anthony há 15 anos. Essa química que construímos, como irmãos, como família, é natural. Ser capaz de traduzir isso nesses personagens cheios de nuances, que alguns descreveriam como vilões ou caras maus, foi um processo nosso de desenterrarmos a verdade e tentarmos entrar na psique desses humanos que enfrentam situações difíceis. E para eles, essas são as escolhas certas. E acho que vemos um momento para o assassino em que ele pensa: ‘Preciso de alguém. Preciso de alguém que possa fazer duas coisas: que me ajude a matar e fazer meu trabalho, mas que também, neste momento, preencha um vazio na minha alma’”, concluiu Jeremy Pope.

Os três primeiros episódios de “The Beauty - Lindos de Morrer” estreiam no Disney+ nesta quarta-feira (21). a partir daí um novo episódio será lançado todas as quartas-feiras. Nas duas últimas semanas, serão lançados dois capítulos por quarta-feira, totalizando 11 episódios.

ENTREVISTA | FELIPE M. BRAGANÇA

CINEASTA E PRODUTOR

‘Como imaginar uma revolução que não seja protagonizada por bichos, inclusive o humano?’

vera de Kok

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Nove produções brasileiras, dos mais diferentes cantos do país, já estão confirmadas para a 76ª Berlinale, sem contar os anúncios desta terça-feira, quando serão divulgadas as narrativas concorrentes ao Urso de Ouro de 2026, que entram em disputa de 12 a 22 de fevereiro. Desse contingente de expressões do Brasil, há uma voz autoral que já pode ser dizer “de casa” no Festival de Berlim: o carioca Felipe M. Bragança. Aos 45 anos, o cineasta, que cresceu entre o Centro do Rio e a Baixada Fluminense, estará em solo alemão na seção Forum Expanded com “Floresta do Fim do Mundo”, codirigido por Denilson Baniwa. Na trama Suely, indígena que vive numa grande cidade brasileira, passa os seus dias num apartamento. Em seus sonhos, ela se comunica com área florestal e se conecta aos segredos de um mundo em mudanças radicais.

Realizador de produções premiadas como “Um Animal Amarelo” (2020), o cineasta – sócio da diretora Marina Meliande na produtora Duas Mariola Filmes – desenvolve hoje, em codireção com Zahy Guajajara, o projeto “Makunaima XXI”, que tem o arlequim francês Denis Lavant (de “Holy Motors”) no elenco, também focado nas ancestralidades dos povos da selva – e no anti-herói de Mario de Andrade. Bragança hoje produz o primeiro longa de Leonardo Martinelli, chamado “Fantasma Neon”, em referência ao curta que deu a esse jovem diretor o troféu de Locarno, na Suíça, em 2021, e uma penca de Kikitos em Gramado. Está envolvido ainda na concepção do próximo longa de Meliande, sua parceira em “A Alegria”, exibido na Quinzena de Cannes de 2010.

A troca é a base da criação de Bragança, como explica Baniwa, seu parceiro na feitura de “Floresta do Fim do Mundo”:

“Meu trabalho com o Felipe é profundamente colaborativo. Não existe uma hierarquia rígida; existe escuta, troca e risco compartilhado. Eu entro trazendo meu repertório visual, político e cosmológico, e ele traz a experiência cinematográfica, política, a estrutura narrativa e o desejo de experimentar a linguagem. O filme nasce desse encontro com vários alinhamentos muito intuitivos”.

O prestígio de que Bragança desfruta em nossas telas ganhou solidez depois de sua vitória na seção Aurora da Mostra de Tiradentes, nas Minas Gerais, em 2009, com “A Fuga, a Raiva, a Dança, a Bunda, a Boca, a Calma, a Vida da Mulher Gorila”. O título “A Fuga da Mulher Gorila” é mais usado ao se falar desse trabalho de Bragança e Meliande. Não por acaso, a dupla vai revisitar esse êxito na 29ª edição do evento mineiro na próxima segunda (26), às 18h. Antes, neste sábado, às 22h, eles exibem em Tiradentes o recente “Uma Baleia Pode Ser Dilacerada Como Uma Escola De Samba”.

Na conversa a seguir, o cineasta revela ao Correio da Manhã as suas inquietações criativas.





Está envolvido ainda na concepção do próximo longa de Meliande, sua parceira em “A Alegria”, exibido na Quinzena de Cannes de 2010.



Bragança hoje produz o primeiro longa de Leonardo Martinelli, “Fantasma Neon”, em referência ao curta que deu a esse diretor o troféu de Locarno, na Suíça, em 2021

Denilson Baniwa Estúdio



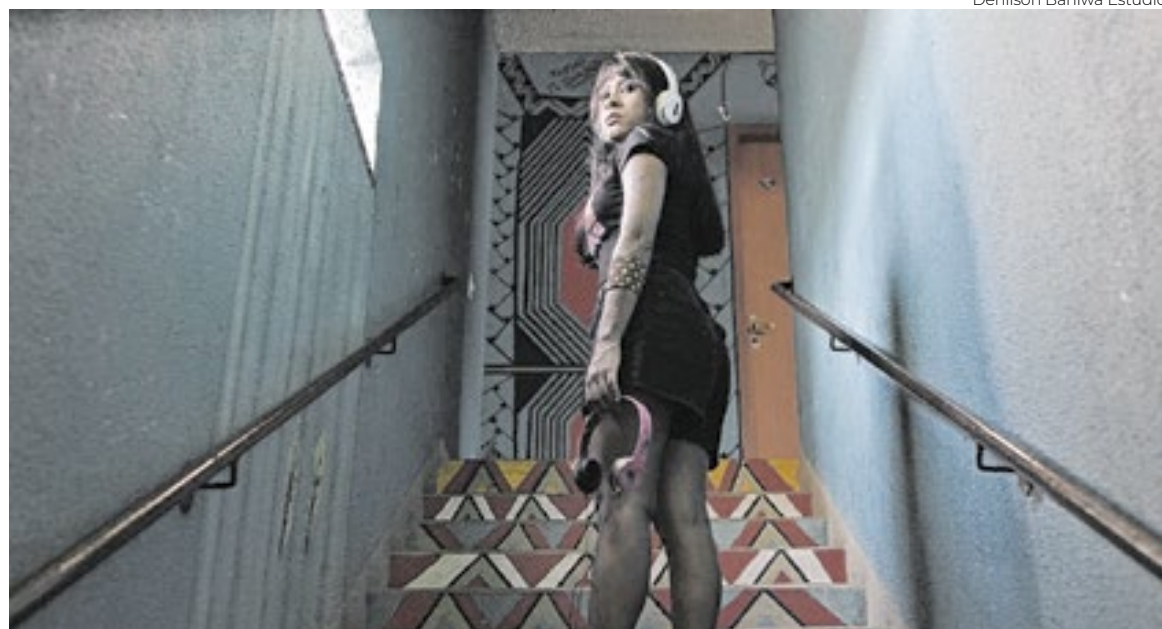
Em seus sonhos, ela se comunica com uma floresta e se conecta a segredos de um mundo que atravessa mudanças radicais

Denilson Baniwa Estúdio



Cena do filme “Floresta o Fim do Mundo”

Denilson Baniwa Estúdio



No curta, Suely, uma mulher indígena que vive em uma grande cidade brasileira, passa seus dias em um pequeno apartamento

“Meu trabalho com o Felipe é profundamente colaborativo. Não existe uma hierarquia rígida; existe escuta, troca e risco compartilhado

DENILSON BANIWA

De que maneira as duas imersões no universo indígena abrem novas hipóteses estéticas para o cinema que você busca desde “A Fuga da Mulher Gorila”?

Felipe M. Bragança: Acho que meu caminho no cinema sempre passou por um mergulho em identidades transitórias brasileiras, fronteiras e encruzilhadas culturais. Das andanças das jovens de “Mulher Gorila” até hoje, acho que há algo em comum que é a ideia de personagens e lugares que se constroem entre dois ou mais mundos, duas ou mais camadas de realidades. E tentam, nesse lugar

transitório, encontrar suas vivacidades e suas vozes, mesmo que múltiplas. Essas duas (serão mais?) imersões em imaginários indígenas contemporâneos são também uma forma de me conectar com transitoriedades imagéticas, culturais e espirituais que também me formam e formaram meu olhar, desde minhas origens familiares até às novas escutas contemporâneas que vozes como a de Denilson Baniwa proporcionam.

Seu cinema sempre esteve atento à geografia urbana ao teu redor, de mata ou de concreto.

De que maneira a ideia de “cidade” cruza a saga de Suely em “Floresta do Fim do Mundo”?

Felipe M. Bragança: Penso sempre as personagens e seus espaços, seus lugares, a partir dos elementos de pertencimento e de não-pertencimento que os cruzam, tentando encontrar as pulsões de enraizamento e de deriva que estão sempre em embate dentro deles e delas. Aqui, Suely é uma mulher que literalmente vive dois mundos, duas camadas de mundo, ao mesmo tempo, simultaneamente. O pertencimento e o não-pertencimento andam juntos

em cada passo que Suely dá.

O que seria o “fim do mundo” nesse exercício e o quanto Denilson Baniwa serve de baliza para essas fronteiras?

Felipe M. Bragança: A ideia do filme surgiu de um sonho que Denilson me contou em uma conversa de bar e da filosofia do italiano Emanuele Coccia. Dessas conversas e das leituras de “A Vida das Plantas”, mergulhamos nessa jornada de uma mulher que é ao mesmo tempo a protetora de nosso tempo e o arauto da destruição, que é ao mesmo tempo entidade e gesto cotidiano, ação e espera, raiva e doçura, pensando a ideia de uma revolução vegetal, de uma revolta das plantas, diante das dores do mundo. Como imaginar uma revolução que não seja protagonizada por bichos (incluindo o bicho humano)?

Sua obra audiovisual se fez notar na vitória na mostra Aurora, em Tiradentes, em 2009, e ganhou mundo via Locarno, da Quinzena de Cannes e de Roterdã. No périplo global do teu cinema, Berlim tem lugar de honra, pela recorrência. O que a Berlinale te abriu de conexões?

Felipe M. Bragança: De todos os festivais de cinema do mundo em que estive, a Berlinale talvez seja onde me sinto mais em casa, talvez por já ser minha quinta participação como diretor por lá. Além disso, morei em Berlim por dois anos, entre 2013 e 2015, a convite do DAAD, para uma residência de criação artística de onde saíram dois roteiros de longa: “Não Devore Meu Coração” (2017) e “Um Animal Amarelo” (2020). A Berlinale (ainda mais em sua seção Forum Expanded) é um lugar que tem me dado espaço para mostrar minhas pesquisas estéticas e temáticas mais arriscadas, meus estudos de cinema mais profundos.

Seus filmes - sobretudo a partir do longa coletivo de 2011, “Desassossego” - reagem a um certo marasmo do cinema ao se pensar como linguagem e como narrativa. O que você vê de mais forte no cinema brasileiro hoje? Qual foi o último filme nacional que te deixou sem ar?

Felipe M. Bragança: Quando fizemos “Desassossego”, um filme coletivo com 18 diretoras e diretores, minha ideia, com Marina Meliande, era a de bater firme no chão com a ideia de que havia um forte e novo cinema contemporâneo brasileiro e que não poderíamos ser eternos viúvos do Cinema Novo. O filme estreou em Roterdã e nos ajudou naquele momento a dar voz a esse sentimento. Hoje, 15 anos depois, acredito que não seja mais essa a questão: é incontornável que o cinema contemporâneo brasileiro existe e é reconhecido internacionalmente. Talvez hoje o cerne da questão seja voltar a discutir profundamente as linguagens cinematográficas que estamos buscando construir e de que modos elas se conectam com o nosso tempo. Nesse sentido, o filme brasileiro recente que mais admirei foi “Cidade, Campo” da Juliana Rojas. Sou completamente fã do cinema da Juliana.

Em que pé anda o teu Macunaíma?

Felipe M. Bragança: “Makunaima XXI”, como o chamamos, foi parcialmente filmado em junho de 2025. Estamos agora preparando uma segunda etapa de filmagens que inclui algumas viagens pelo Norte do Brasil e filmagens em estúdio no Rio de Janeiro. O filme terá também uma longa etapa de pós-produção entre Brasil e França, então podemos imaginar que ele venha ao mundo em algum momento de 2027.



Acervo Cinemateca Pernambucana

Linduarte Noronha (1930-2012) diretor de 'Aruanda'

Pedra fundamental para o Brasil moderno

Ao resgatar em livro a trajetória de crítico do diretor Linduarte Noronha, o pesquisador Lúcio Vilar relembra a importância do filme 'Aruanda' para a fundação da imagem do Nordeste

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Disponível para ser visto na íntegra no portal portacurtas.org.br e no YouTube oficial do Centro Técnico do Audiovisual (CTAv), "Aruanda" (1960) costuma ser descrito por pesquisadores entre os filmes que ensinaram o cinema vindo do Nordeste – a região que acaba de ganhar o Globo de Ouro com "O Agente Secreto" – a ser moderno. Isso depois das experiências renovadoras da realidade brasileira de Nelson Pereira dos Santos ("Rio 40 Graus" e "Rio Zona Norte") e Roberto Santos ("O Grande Momento") nas paragens do Sudeste. Pilotada por Linduarte Noronha (1930-2012),

a produção – encarada como uma centelha do projeto cinemavista de Glauber Rocha, Joaquim Pedro de Andrade, Cacá Diegues e cia. – conta a história dos remanescentes de um quilombo, Olho d'Água da Serra do Talhado, em Santana do Sabugi, na Paraíba. Aquele espaço de resistência surgiu em meados do século passado, quando um escravizado já alforriado, o madeireiro Zé Bento, partiu com a família à procura da terra de ninguém. O curta-metragem que lá se fez mostra o cotidiano dos moradores, a partir de jornadas de plantio e feitos de cerâmica. Seu roteiro trazia um componente ficcional, com habitantes da região representando os próprios antepassados, partindo da encenação para promover uma investigação sobre as muitas contradições sociais de populações excluídas pelo

“O papel do documentário é o de observador atento e, sobretudo, livre de pré-conceitos, o que equivale a deixar uma janela aberta ao outro.”

Estado. Esta noite, quando o curador e organizador do Fest Aruanda, o documentarista e professor da UFPB Lúcio Vilar, estiver no

Estação NET Botafogo, a autografar exemplares de "Luz, Cinefilia... Crítica!", da editora A União, a partir das 19h, centelhas daquele filme seminal ganharão novos holofotes no imaginário poético.

A publicação é um trabalho arqueológico de resgate de memória que reencontra (e revisita) textos publicados por Linduarte entre 1956-1967, como resenhas de títulos de sucesso, até de Hollywood. Clássicos são tema de resenhas de tom poético nesses achados. Vilar fala de Linduarte em filme também. O .doc "O Homem Por Trás do Cinema Novo", previsto para 2026, traz imagens de Serra Talhada, no sertão paraibano. Ali revive-se a rodagem de "Aruanda".

"Linduarte fez a travessia do papel à câmera, como outros grandes nomes que começaram como

críticos e se tornaram cineastas — a exemplo de Godard, na França, ou Walter Lima Jr., no Brasil. Sua vivência no cineclubismo e sua condição de crítico de cinema do jornal 'A União' foram fundamentais nessa transição", explica Vilar ao Correio da Manhã. "Com 'Aruanda', ele não apenas filma o sertão, mas inventa uma nova forma de vê-lo: uma linguagem que mistura o real com a ficção, o sol como luz dramática, a crueza como estética. Ele é, de fato, o primeiro que ousou filmar o chamado Brasil profundo – o sertão nordestino – usando o sol como aliado. Com isso, junto com seu fotógrafo, Rucker Vieira, vão gerar uma fotografia e uma narrativa anticanônicas, por excelência, para as convenções do cinema documental até então instituídas. Inaugura, segundo Glauber Rocha, o moderno documentário brasileiro'.

Segundo Vilar, "Aruanda" não é só um filme; é uma revolução visual e conceitual. Em sua juventude, o mago da não ficção Vladimir Carvalho (1935-2024), diretor de "O País de São Saruê" (1971), integrou a equipe desse mítico curta-metragem que promoveu uma revisão crítica da representação do Brasil nas telas.

Num de seus derradeiros depoimentos ao Correio da Manhã, Carvalho explicou que "Aruanda" de fato abriu caminhos:

"Penso sempre que a frase 'uma ideia na cabeça e uma câmera na mão', atribuída a Glauber Rocha, nasceu no momento em que o baiano assistiu na salinha do laboratório Líder a primeira cópia do filme ainda quentinha. Saiu dali direto para a máquina de escrever e, de um jorro só, veio o texto consagrador que o 'Caderno B', do 'Jornal do Brasil', publicou. Outros corifeus vieram se juntar ao grito de Glauber. Paulo Emílio, Jean-Claude Bernardet, Alex Viany e outros. Até Celso Furtado foi tocado e mandou exibir o filme no plenário da Sudene, que na época, 1960, era uma espécie de parlamento nordestino".

Vladimir sempre defendeu que "Aruanda" trazia a face de um Brasil profundo, na rudeza de sua luz abrasadora. Nunca mais o nosso cinema, mesmo o de ficção, seria o mesmo depois dele. Tanto que o chamado Cinema Novo acolheu célere a experiência.

"Basta dizer, para frisar o pioneirismo do filme paraibano, que 'Vidas Secas' e 'Deus e o Diabo na Terra do Sol', de três anos depois, seguiriam na picada aberta por Rucker Vieira, o fotógrafo de Linduarte", orgulhava-se Vladimir, definindo a empreitada de Linduarte como sendo uma escola da arte de documentar. "O papel do documentário é o de observador atento e, sobretudo, livre de pré-conceitos, o que equivale a deixar uma janela aberta ao outro. Se você sai de casa já com uma ideia preconcebida em busca de um aval vai se ferrar".

'Stranger Things' encontra 'The Last Of Us' em 'Alerta Apocalipse'

Elenco fala sobre "Alerta Apocalipse", nova aventura pop que mistura terror com comédia

PEDRO SOBREIRO

Programado para chegar nos cinemas brasileiros no dia 29 de janeiro, "Alerta Apocalipse" é um daqueles filmes que apostam no caos para divertir, entreter e até mesmo assustar. Partindo da premissa de o que pior pode acontecer quando alguém está tendo um dia ruim, o longa acompanha Teacake e Naomi, dois funcionários de uma empresa de armazenamento que estão prestes a viver o pior dia de suas vidas.

O que parecia apenas mais um dia de trabalho acaba se mostrando o início de um verdadeiro apocalipse, quando eles descobrem e libertam por acidente um fungo extremamente contagioso que estava armazenado em um antigo galpão militar, supostamente abandonado. É algo bem próximo da trama do fenômeno dos videogames e do streaming, "The Last Of Us".

Agora, com essa praga mortal à solta, a dupla terá de se unir a Robert Quinn, um ex-agente bioterrorista, para tentarem impedir que as pessoas literalmente explodam ao redor do mundo.

O longa conta com um elenco que está em alta em Hollywood, mas o nome que mais chama atenção é o de David Koepp. O roteirista, que foi responsável por escrever filmes como "A Morte Lhe Cai Bem" (1992), "Jurassic Park" (1993), "Missão: Impossível" (1996) e "Homem-Aranha" (2002), entrou no projeto para agregar com seu talento de escrever aventuras que misturam ficção científica com bom humor.

Mas é inegável que o elenco é bastante promissor. O veterano da vez é Liam Neeson, que dá vida a Quinn, o ex-agente bioterrorista que só queria curtir sua aposentadoria. Vindo do sucesso de "Corra que a Polícia Vem Aí!", Neeson deixou a ação de lado e parece ter abraçado de vez os papéis cômicos. Segundo David Koepp, esse timing excepcional para a comédia do ator é um dos pontos altos do longa.

"O senso de humor do Liam é bem conhecido, mas ainda acho que não o vemos sendo engraçado



Liam Neeson, Joe Keery e Georgina Campbell se unem em uma mistura de ficção com terror e comédia



No filme, um fungo infecta as pessoas e vai consumindo seus corpos até explodi-los

com frequência suficiente. Alguns dos seus melhores momentos neste filme vêm do contraste entre seu ponto de vista cínico e o dos jovens de vinte e poucos anos com quem ele contracenava. Esse cara já viu de tudo e às vezes acha a juventude deles cansativa. Isso me faz rir sempre", comenta.

Do streaming para as telas

Do elenco mais jovem, a grande atração é Joe Keery, que dá vida

a Teacake. O ator se notabilizou no fenômeno da Netflix, "Stranger Things", onde deu vida a Steve por praticamente uma década. Com o fim da série no início desse mês, o ator acredita que os fãs que já estão com saudade do seriado vão curtir o filme.

"Quem gostou de Stranger

Things certamente vai gostar de Alerta Apocalipse. Mas, para mim, pessoalmente, achei que o personagem era uma oportunidade incrível. Teacake é alguém de uma realidade completamente diferente de tudo que já interpretei. Adorei a dicotomia dessa pessoa, cuja aparência é uma coisa e a vida interior é algo totalmente diferente, sabe? Ele é alguém muito influenciável, que quer agradar aos outros, e isso o levou por caminhos errados. Talvez ele não seja muito bom em tomar decisões. E talvez seu julgamento na juventude não tenha sido dos melhores", explicou o ator.

Na trama, Teacake é Terry, um rapaz que acabou de sair da prisão e precisa de um emprego estável para atender as indicações de seu agente de condicional. Por isso, ele tenta se manter longe dos problemas ao aceitar um emprego aparentemente pacato nessa empresa de armazenamento.

Por lá, ele é escalado para trabalhar junto a Naomi, que é interpretada por Georgina Campbell. A atriz se notabilizou por "Black Mirror", também da Netflix, e pelo filme de terror "Noites Brutais". Neste longa, ela é Naomi, uma mulher que acabou de ser mãe. Conciliando a maternidade com seus estudos

para realizar o sonho de ser uma respeitada veterinária, ela aceitou o emprego no galpão para ajudar com as contas de casa. Agora, ela está ao lado de Terry, esse ex-jovem infrator, cuja realidade é completamente diferente da dela.

"Naomi é uma pessoa que usa as palavras com cuidado, enquanto ele [Terry] é mais tagarela. O que eu realmente amo no roteiro é que ele faz com que a Naomi tenha uma ideia preconcebida de quem o Teacake é, um pré-conceito, apenas por conta da aparência dele, suas tatuagens e seu cabelo", reflete Georgina Campbell.

Então, a dupla começa o filme tomados por suas diferenças e acabam aprendendo a lidar um com o outro enquanto o fim do mundo se desenha na frente deles. Para David Koepp, essa dinâmica divertida entre os personagens é fruto da excelente química dos protagonistas.

"Joe [Keery] e Georgina [Campbell] têm aquela coisa mágica que sempre buscamos nos filmes: química. Ninguém sabe realmente o que é, como encontrá-la ou como criá-la, mas quando temos sorte e nos deparamos com ela, nós simplesmente relaxamos e aproveitamos", concluiu o roteirista.

Humor Contra-Ataca começa com o pé direito no Rio

Terceira edição do festival de humor apostou nas diferentes formas de fazer comédia

PEDRO SOBREIRO

Teve início no último sábado (17), no palco do Qualistage, no Via Parque Shopping, localizado na Barra da Tijuca, Zona Sudoeste do Rio de Janeiro, a terceira edição do festival Humor Contra-Ataca.

Para inaugurar a edição 2026 do festival, a organização apostou no humor feminino para divertir o público que lotou a casa de shows para

prestigiar passado, presente e futuro do humor em um dia apelidado de “O Palco é Delas”.

Abrindo a programação, a humorista Xanda Dias aqueceu a plateia com um show de stand-up clássico. Ela subiu ao palco com uma premissa contemporânea, provocando reflexões bem-humoradas sobre comportamento, relações e o tempo em que vivemos, abordando temas como relacionamentos, família e a maternidade.

Em seguida, foi a vez da atriz



Nany People fez o público gargalhar na abertura da terceira edição do festival O Humor Contra-Ataca

Flávia Reis levar ao palco uma prévia de sua peça teatral voltada para o humor cênico. Com essa proposta de fazer comédia com personagens, ela transitou entre diversas situações com precisão cômica e um humor afiado, capaz de transformar o cotidiano em identificação imediata com o público.

Para fechar a noite com chave de ouro, Nany People subiu ao palco do Qualistage para brindar o público com uma apresentação artística completa. Em meio às piadas politicamente incorretas, a artista relembrou momentos marcantes de sua carreira, contou histórias de sua vida artística e pessoal, comparti-

lhou momentos que viveu com ícones do teatro e TV brasileiros, além de fechar o show com apresentações musicais.

Pioneira na comédia nacional, ela foi o grande diferencial da noite, levando o público a dividir com ela a celebração de sua trajetória de 50 anos nos palcos.

E o mais interessante foi notar a presença de pessoas de diferentes idades na plateia. De jovens a idosos, o humor sem papas na língua de Nany People segue atravessando gerações.

E a parte mais legal é que o festival está apenas começando. A temporada seguirá até 10 de abril, reunindo a nova geração e nomes consagrados da arte de fazer rir, reafirmando o humor como espetáculo de pensamento, entretenimento e encontro.

Pelo terceiro ano consecutivo, o Qualistage aposta nesse filão que se consolida como um dos mais fortes da cena cultural, investindo no riso como experiência coletiva, plural e necessária. Porque, em 2026, rir continua sendo coisa séria, e o Humor Contra-Ataca prova isso desde a estreia.

Daqui a duas semanas, no sábado (31), será a vez de No fim de janeiro, Rodrigo Marques, afiado e sarcástico, reencontrar o público carioca ao lado de Júnior Chicó, mestre em transformar o cotidiano em piada com carisma e espontaneidade.

Sucesso após participar do programa “A Culpa é do Cabral”, Rodrigo Marques promete atrair sua legião de fãs para abarrotarem novamente o Qualistage para prestigiar seu trabalho.

Os ingressos já estão à venda pelo site: <https://www.ticketmaster.com.br/>.

Debate sobre a saúde mental para a criançada

Em cartaz no Planetário da Gávea, “Um Lugar Logo Ali” faz reflexão sobre saúde mental e diversidade

A Cia Móvel de Teatro estreia nos palcos do Rio de Janeiro com o espetáculo infantil “Um Lugar Logo Ali”, que cumpre temporada de 24 de janeiro a 8 de fevereiro, sempre aos sábados e domingos, às 11h, no Teatro Domingos Oliveira, no Planetário da Gávea, na Zona Sul da cidade. A peça propõe uma reflexão sensível e bem-humorada sobre o ritmo acelerado da vida contemporânea, a pressão por produtividade e os impactos desse modelo nas relações humanas e no meio ambiente. Os ingressos custam R\$40 (inteira) e R\$ 20 (meia) e podem ser comprados através do site da

Sympla. A classificação é livre.

A história se passa em Eficiência City, uma cidade acelerada, plastificada e compulsoriamente feliz, onde tudo funciona sob a lógica da produção constante e do progresso. Nesse cenário vivem Hábito e sua prima Rotina, trabalhadores exemplares que seguem fielmente as regras impostas por Marytocracia, uma figura invisível que controla a cidade por meio da meritocracia. A rotina dos dois é atravessada pela chegada de Contemplação, um viajante que traz outro olhar sobre o tempo, a natureza e as relações, provocando transformações profundas



Divulgação

Sessões da peça acontecem aos sábados e domingos, às 11h

nesse sistema.

A encenação combina teatro, dança e circo, marcas da trajetória da Cia Móvel de Teatro, criando imagens poéticas que dialogam diretamente com crianças e adultos.

“Um Lugar Logo Ali”, sendo minha primeira obra de direção artística para a infância, me motiva a pensar numa ficção tão atual e presente no que diz respeito à idealização de mundos e construção de

novas ideologias. Eficiência City é o lugar onde o progresso e o desenvolvimento tecnológico nos tornam tal qual máquinas, insensíveis e dispersos ao mundo dos sentidos e do coração. É preciso voltar a sentir o cheiro das flores naturais e se emocionar com o pôr do sol!”, diz Cátia Costa, indicada ao Prêmio Shell de Melhor Direção por “Um pássaro não é uma pedra”, junto a Adriana Schneider e Mar Mordente.

O figurino, criado por Erika Schwarz, é composto por materiais reutilizados e recicláveis, como tecidos de brechó e roupas descartadas. O cenário, assinado por Bianca Bühring, segue a mesma proposta, integrando discurso e prática ambiental.

A trilha sonora original de Aline Peixoto conduz a narrativa e embala o trabalho do elenco formado por Daniel Leuback, Helena Hamam, Kai Lopes e Raphael Pompeu.